

DESEMPREGO

Fernando Henrique admite discutir a redução da jornada semanal de 44 horas para criar novos postos de trabalho e pensa em incentivar empresas que abrirem as portas aos jovens

SOLUÇÃO À FRANCESA

Vicente Nunes
Enviado especial

Paris — O presidente Fernando Henrique Cardoso decidiu deixar de lado a defesa irredutível do ajuste fiscal como a salvação do Brasil para assumir um discurso mais voltado ao social, temendo que se espalhe pelo país o clima de tensão registrado nos últimos dias em São Paulo, que acabou na agressão ao governador Mário Covas. Segundo ele, o governo está preparando uma série de medidas para combater o desemprego, conforme antecipou o *Correio* na sua edição de ontem, mas nada será posto em prática sem que haja um amplo debate entre patrões e trabalhadores. Se depender da vontade do presidente, no entanto, pelo menos uma proposta terá chances de se tornar realidade muito brevemente: a do primeiro emprego aos jovens. O governo admite dar incentivos fiscais às empresas que assinarem a carteira de trabalho daqueles que estão entrando no mercado, seguindo o modelo adotado, com sucesso pelo governo da França há dois anos.

Segundo Fernando Henrique, o governo estará aberto a todas as propostas, inclusive a possibilidade de se reduzir a jornada de trabalho no Brasil, hoje de 44 horas semanais.

Essa medida também foi implantada pelos franceses em 1998, onde a carga horária caiu de 40 para 35 horas, fazendo com que o desemprego na França fechasse o último mês de maio em 9,9%, o menor índice registrado no país desde 1991. Com isso, o índice de popularidade do primeiro-ministro Lionel Jospin chegou a 63%, o melhor desempenho junto à população em dois anos.

"Eu acredito que o Brasil pode começar a discutir a possibilidade de reduzir a carga horária de trabalho. Isso, porém, é uma questão a ser debatida pelo setor privado", afirmou o presidente. Para ele, essa não será uma decisão de governo, que até pode entrar na discussão para ver seus efeitos sobre a economia, mas o acordo terá de surgir entre empresários e trabalhadores.

Na avaliação de Fernando Henrique, os debates em torno da redução da carga horária de trabalho terão de levar em conta o fato de o Brasil ser um país muito grande, com muitas desigualdades. A seu ver, já houve uma mudança importante no país que foi a criação do salário mínimo regional, medida que depende apenas de aprovação do Senado para se transformar em lei.

PRODUTIVIDADE

A França, lembrou o presidente, não é um país heterogêneo, portanto, não há necessidade de jornada de trabalho tão longa. "Apesar de sermos tão diversificados, a redução da carga horária no Brasil é perfeitamente factível de debate, até mesmo como estímulo ao aumento de emprego", destacou. O motivo, segundo Fernando Henrique, são as complicadas questões técnicas. No Brasil, às vezes, diminuir uma hora na jornada aumenta mais um turno de trabalho e isso tem efeito sobre os índices de produtivida-

de das empresas. Esse argumento, por sinal, é sempre usado pelos patrões na hora de discutir o assunto com os trabalhadores. Vários sindicatos já propuseram a redução da carga horária para 40 horas, mas as conversas não avançam.

"Eu acho que, neste momento, a coisa mais importante para nós é dar carteira assinada para a maioria dos trabalhadores. Só depois disso é que devemos discutir questões de vanguarda adotadas na França, como a jornada menor", afirmou Fernando Henrique. Para ele, é preciso prestar atenção nos mais pobres, nos mais necessitados. "Hoje, o programa do desemprego no Brasil atinge, principalmente, os mais jovens — pelos dados do IBGE, pelo menos dois milhões deles são jogados todos os anos no mercado de trabalho sem grandes perspectivas de conseguirem emprego", disse o presidente. Por isso, ele acha que o modelo do primeiro emprego adotado na França deve ser discutido.

Para mostrar o quanto está disposto a copiar o modelo social da França, Fernando Henrique contou que seu assessor especial Vilmar Faria já veio a Paris para se informar sobre todas as medidas de combate ao desemprego e o assunto está sendo estudado pelo Ministério do Trabalho. O presidente disse que vai aproveitar o encontro de hoje com Lionel Jospin para ouvir dele experiências nesse setor. "É preciso deixar claro que o Brasil nunca chegou a ter desemprego de dois dígitos, como a França e que também baixamos nosso índice, de 8,1% para 7,8%, em abril", ressaltou.

O presidente procurou, ainda, amenizar as críticas da oposição quanto ao atraso no combate ao desemprego: "Nós temos uma rede de proteção social no país. Temos o Funrural, que é

uma aposentadoria para os trabalhadores rurais, o seguro desemprego, e um programa de renda mínima para quem chega a uma certa idade", assinalou. Ele reconheceu, entretanto, que o governo precisa aperfeiçoar essa rede, mas lembrou que o Ministério da Previdência Social enviou projetos ao Congresso nesse sentido.

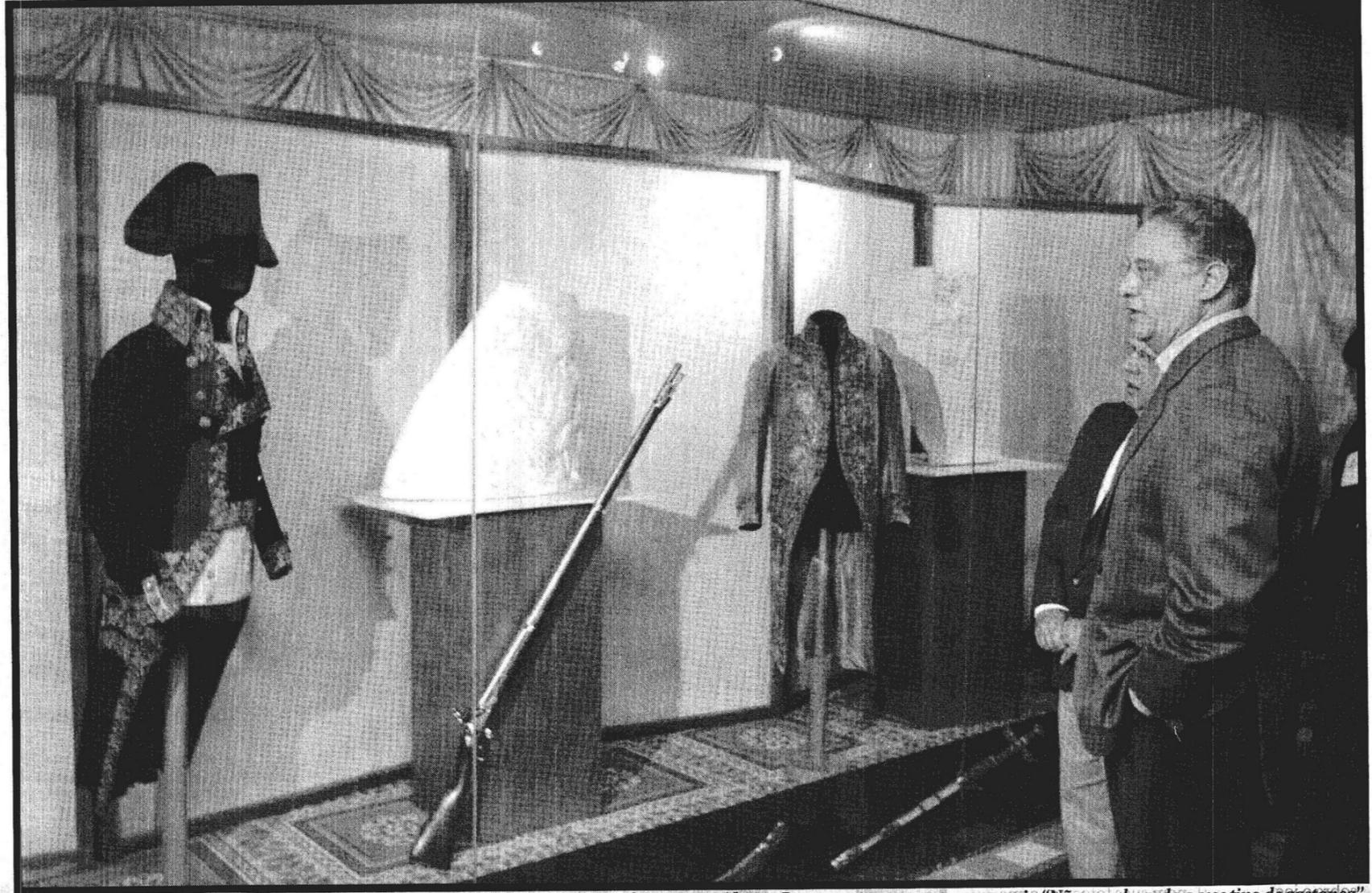
MERCOSUL

Promessa é dívida. Foi o que afirmou ontem o presidente Fernando Henrique Cardoso, ao anunciar que aproveitará o almoço de hoje com o presidente da França Jacques Chirac, para cobrar a promessa que ele fez em 1998, quando esteve pela primeira vez no Brasil, de acelerar as relações entre o Mercosul e a União Européia. "Nós temos que relançar as discussões de aproximação do Mercosul com a União Européia. Precisamos dar mais força política a essas relações", disse.

Segundo o presidente, o fato de o Brasil assumir a presidência do Mercosul no próximo dia 1º de julho, mesmo dia em que a França assumirá o comando da União Européia, vai contribuir muito para estreitar as relações entre os dois países. Fernando Henrique tem como trunfo o fato de a França estar buscando parceiros estratégicos para se tornar um contraponto ao poder massacrante dos Estados Unidos no cenário internacional.

"Tenho certeza de que será muito importante para nós o fato de a França estar assumindo a presidência da União Européia, pois há muitos assuntos bilaterais a serem discutidos e os franceses estão, atualmente, entre os maiores investidores no país". O presidente disse que aproveitará o almoço de hoje com Chirac e o jantar com o primeiro-ministro Jospin para tratar do setor

Wilson Pedro/AE



Fernando Henrique, com dona Ruth, surpreso ao saber que museu Malmaison fora construído por Bonaparte com recursos pessoais: "Não sou chegado a esse tipo de gastança"

agrícola francês, que impõe muitas barreiras aos produtos brasileiros.

O tempo fechado, nada convencional para a primavera francesa, não tirou o bom humor do presidente Fernando Henrique. Sorridente, vestindo calça marrom, camisa azul e paletó verde claro, ele aproveitou o domingo para fazer um programa cultural em Paris. Por volta das 11h30 da manhã, foi ao Museu Malmaison, que funciona em um palácio construído no fim do século XVIII e onde viveram o imperador da França Napoleão Bonaparte e a imperatriz Josephine.

Curioso, o presidente quis saber quanto custavam as peças que compunham o jogo de jantar de Josephine. O diretor de Malmaison disse só falaria se fosse baixinho, para ninguém ouvir. Fernando Henrique não se conteve e exclamou: US\$ 20 mil cada uma! Ficou ainda mais perplexo quando soube que o palácio foi construído por Bonaparte com recursos pessoais. "Não sou chegado a esse tipo de gastança", disparou, enquanto caminhava pelos jardins, cujas flores foram plantadas pela imperatriz.

O único senão do passeio foi a irritação de dona Ruth com o assédio da imprensa. Ela disse que a presença dos jornalistas no museu estava atrapalhando. "Será que eles (os repórteres) pensam que o Fernando vai escorregar em uma casca de banana?", perguntou ao embaixador do Brasil em Londres, Sérgio Amaral. Por causa desse estresse, a segurança proibiu qualquer nova aproximação com o presidente. Nem no badalado e caro restaurante *Le Près Catalan*, nem no Museu Marmottan, onde está a mais completa coleção do pintor impressionista francês Claude Monet.